
**CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LITERATURA
DE ACONSELHAMENTO MEDIEVAL:
O EXEMPLO DE KALILA E DIMNA E A
CRESCENTE DEMANDA DE ESTUDOS
ORIENTAIS NO BRASIL**

Dandara Arsi Prenda

Doutoranda em História – PPGH UFF. Bolsista de Doutorado (CNPQ). Integrante do Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos – SCRIPTORIUM. Email: dandara2@gmail.com

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LITERATURA DE ACONSELHAMENTO MEDIEVAL: O EXEMPLO DE KALILA E DIMNA E A CRESCENTE DEMANDA DE ESTUDOS ORIENTAIS NO BRASIL**CONSIDERATIONS ON THE MEDIEVAL COUNSELLING LITERATURE : THE EXAMPLE OF KALILA AND DIMNA AND INCREASING DEMAND ORIENTAL STUDIES IN BRAZIL**

Dandara Arsi Prenda

RESUMO

Este artigo apresenta um breve estudo sobre a literatura de aconselhamento Árabe Medieval e a percepção de uma crescente demanda de estudos orientais nos centros de pesquisas pelo Brasil. O campo literário já possui lugar de destaque como fonte de estudos para o mundo Medieval no Ocidente há algumas décadas, no entanto, os estudos desta temática direcionados para o Oriente são recentes. Como exemplo de literatura de aconselhamento priorizou-se a obra *Kalila e Dimna* que opera como uma espécie de fronteira entre os discursos históricos acerca do papel do governante no Califado Abássida, em meados do século VIII, e as estruturas singulares que compartilham as obras de aconselhamento ao longo dos tempos.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura Medieval. Oriente. Kalila e Dmina.

ABSTRACT

This article presents a brief study of the Arab Medieval counseling literature and the perception of a growing demand for oriental studies in research centers in Brazil. The literary field already has a prominent place as a source of studies for the medieval world in the West a few decades ago , however , studies of this issue directed to the East are recent . As an example of counseling literature gave priority to Kalila work and Dimna which operates as a kind of border between the historical discourse about the ruler 's role in the Caliphate Abbasid in the mid- eighth century , and natural structures that share the advice works over time.

KEYWORDS:

Medieval literature. East. Kalila and Dmina

INTRODUÇÃO

Primitivamente elaborado na Índia, a obra *Kalila e Dimna* se tornou célebre a partir da adaptação para a língua árabe, sendo atribuída ao letrado Ibn al-Muqaffa, erudito que pertencia a corte do Califado Abássida entre o período de 755 a 775 d.C. Esta obra é considerado um dos clássicos da literatura árabe medieval, possuindo um fundo político bastante consolidado e características singulares acerca da arte de aconselhar. Este artigo tem por objetivo apresentar uma breve análise a respeito dos particulares da literatura de aconselhamento árabe na Idade Média, tendo a obra *Kalila e Dimna* como estudo de caso, além de introduzi-la no panorama das produções orientais que crescem no Brasil ao longo das últimas décadas.

A ARTE DE GOVERNAR

O termo “arte” na Idade Média possui uma conotação distinta da qual utilizamos atualmente. Segundo Philippe Braunstein em seus estudos sobre as obras de São Tomás de Aquino, o termo “arte” para o homem medieval estava essencialmente ligado ao “*ars est ratio factibilium* [correto conhecimento do que se deve fazer]” (BRAUNSTEIN, 2002, p.84). A arte, portanto, estava associada não só aos elementos cognitivos, como também à produção, ao fazer.

Nestes moldes, a arte de governar, uma temática que inicialmente continha-se atrelada ao campo cognitivo, na Idade Média se faz presente também no campo do fazer, equivalendo-se às outras artes como a de trovar, de guerrear e até mesmo a arte de morrer, insinuando uma necessidade de aprendizagem especial¹. Governar, assim como as outras artes, demandava uma iniciação, possuíam seus mestres, aprendizes, manuais, práticas, graus de ensino e todos os códigos e elementos indispensáveis ao “fazer”. Segundo Dora M. Bell “governar é uma arte, das mais difíceis; exigindo os mais altos padrões de qualidade por parte do governante, porque a felicidade do seu povo depende disso” (BELL, 1962, p. 22).

¹ MUNIZ, R.C. Márcio. O Leal conselheiro, de Dom Duarte, e a tradição dos Espelhos de príncipe. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, 2003.

Não é de se surpreender que seja atribuído à Idade Média o florescimento de uma literatura com fundo pedagógico que anseia, sobretudo, ensinar a arte do bem governar. Designados pela nomenclatura “*Espelhos de Príncipe*” ou “*Literatura sultanesca*”, no caso árabe, os escritos seguem esquematicamente uma estrutura bastante peculiar, que ao longo dos tempos desempenharam um papel de destaque nas cortes medievais. Importante não só na formação dos governantes, este tipo de literatura era utilizado como uma espécie de mecanismo de circulação e propagação de imagens – que se encaixava na conjectura histórica – levantando questões que refletiam a ideologia política, as tradições e a religião do período.

Algumas das obras oriundas deste momento alcançaram grande êxito a ponto de serem traduzidas para as mais diversas línguas e tomadas como obras de referência para a literatura, como a mundialmente conhecida obra de Nicolau Maquiavel – *O Príncipe*. Entretanto, a literatura de aconselhamento remota a antecedentes bastante recuados na linha do tempo como, por exemplo, aos textos sânscritos do *Pāncatantra* ou os “*Cinco Livros*”, do século I, além de diversas obras de Platão e Aristóteles, que apresentavam arquétipos de governos e suas normas. Assim, temos ao longo da história o desenvolvimento de um grande volume literário destinado a arte de governar e que mais tarde se transformaram em esquemáticos tratados políticos, por vezes bastante específicos.

No caso do Oriente, com os avanços das pesquisas no campo da História nesta região e do acesso às fontes, a partir da década de 70, foi possível ter acesso a um numeroso volume de obras relacionadas ao aconselhamento de governantes e que se remetiam as mais diversas temporalidades, desde período sânscrito até os fins da Idade Média.

Foram escritas ao longo deste tempo obras classificadas sob tal rubrica e com títulos categóricos tais como “*Lampião dos reis*” de Abū Bakr Atturtūshī (973-1126 d.C.), “*Conselho sobre o decoro do poder*”, de Almurādī (m. 1086 d.C.), “*O caráter dos reis*”, de Muhammad Ibn Alhārit Attaclabī, do século IX, “*Consolo do poderoso quando da hostilidade dos comandados*”, de Ibn Zafar Aṣṣiqālī (1104-1169 d.C.), “*O caminho trilhado na política dos reis*”, de Aṣṣayzarī (1193 d.C.), “*Pérola valiosa na política do líder*”, de Ibn Alḥaddād (1251 d.C.) além de circularem em árabe tratados políticos atribuídos a autores estrangeiros – textos Persas, Gregos, dentre outros.

O volume das produções ligadas à literatura de aconselhamento trouxe uma nova perspectiva para o papel do governante, salientando não só a sua desenvoltura ao tratar de questões políticas, mas também a observância de seu caráter pessoal:

“Aquilo com que melhor um rei preserva o reino, consolida o poder e dignifica a própria alma é a magnanimidade e o intelecto – que constituem a cabeça e o fundamento de todas as questões –, juntamente com a consulta a quem seja perspicaz, sutil e sábio. E o melhor de que os homens podem gozar é a magnanimidade, especialmente no caso dos reis; nada é mais superior ou mais útil do que ela.” (IBN AL-MUQAFFA, 2005, p. 177)

Portanto, delimitar um saber específico à arte de governar é mais do que propor orientações e estratégias sobre o que deve ou não fazer um governante para o bom êxito de seu domínio. Há ainda, a árdua tarefa de construção de um modelo ideal de governante apresentando virtudes e saberes correspondente à sua posição. No entanto, estas características não são uniformes e imutáveis, estando sempre atreladas aos valores políticos e históricos de cada espaço e temporalidade.

O CALIFADO ABÁSSIDA E A VALORIZAÇÃO DA ARTE DE GOVERNAR:

As produções voltadas para a arte do bem governar, assim como para a manutenção do poder, tiveram grande destaque no projeto de consolidação do Califado Abássida em seus primeiros anos (750 a 775 d.C.). Desde o início, a nova dinastia proporcionou uma mudança de perspectiva no sentido político-religioso² no mundo Árabe, e assim, pela primeira vez, agregavam-se sob um poder central forças que antes se manifestavam de forma antagônica, mas que se reuniram em benefício à queda da antiga dinastia.

Com a expansão territorial e os frágeis acordos que sustentaram a tomada do poder, os califas Abássidas precisavam transformar o governo em algo mais sólido e duradouro. Para tal propósito foi preciso uma série de medidas nos campos políticos, religiosos e culturais que buscassem congregar as pluralidades que compunham o novo território.

Considerando tais diferenças e objetivando-se manterem no poder, os primeiros califas implantaram como um dos projetos políticos a busca pela valorização dos saberes. Este empreendimento teve como o exemplo mais significativo a criação da Casa da Sabedoria ou Casa do Saber.

² A dinastia Abássida ascende ao poder como o primeiro governo que tem como representante um descendente da família do Profeta Maomé.

Inserida no projeto de construção de um novo centro de referência para o mundo Árabe, esta instituição foi erguida sob a égide da recém fundada capital Bagdá, símbolo da dinastia ascendente. Neste contexto, a Casa da Sabedoria emergia como um ponto de integração entre as diversas etnias e a produção de conhecimento. Sua criação proporcionou diálogos entre antigos centros históricos de diversas civilizações que após a conquista encontravam-se reunidos sob um governo central, possibilitando um intercâmbio cultural único e altamente produtivo. O autor Jonathan Lyons chama atenção para a importância do restabelecimento dos contatos entre as civilizações, e a relação direta entre elas a produção intelectual na dinastia Abássida:

“[...] restauraram laços criando um valioso caldeirão para tradições intelectuais que haviam sido forçados a ficarem separadas durante séculos por divisões políticas: de um lado, o saber helenístico que evoluiu na Grécia e depois Alexandria; de outro, a sabedoria suméria, persa e indiana, muçulmanos, cristãos, judeus, zoroastrianos, os sábios que adoravam as estrelas e vários outros grupos de pagãos puderam intercambiar ideias e ensinamentos” (LYONS, 2011, p. 120).

Assim, a Casa da Sabedoria coordenou traduções de obras em língua estrangeira para o árabe, inclusive de obras clássicas de eruditos hindus, persas e gregos, e estabeleceu a direção para futuras pesquisas. Foram atribuídos a esta instituição também um grande volume de textos relacionados às estratégias diplomáticas e à guerra. Seus funcionários partiam com delegações para várias cortes, inclusive no Ocidente, a fim de conseguir cópias de valiosos textos gregos, obras de Platão, Aristóteles, Hipócrates dentre outros.

Em virtude da política de valorização e produção do conhecimento, a erudição e outros esforços intelectuais tornaram-se um meio importante de avanço social. Esse projeto também abriu caminho para que diversas etnias, antes impedidas de participar do corpo burocrático, pudessem se integrar a comunidade de forma mais ampla, rompendo ainda mais com o que restava das práticas associadas ao governo Omíada. Também estimulou a competição por patrocínio entre eruditos de diferentes tradições, principalmente árabe e persa, fenômeno que garantiu a alta qualidade científica e literária das obras por vários séculos.

Ao longo do Califado Abássida o árabe foi substituindo o grego como língua universal da pesquisa científica no Oriente. A educação superior ficou cada vez mais organizada a partir do século IX e em numerosas cidades muçulmanas podia-se encontrar algum tipo de universidade. Neste período de opulência cultural, o Oriente tornava-se destino para eruditos que viajavam grandes distâncias para estudar com os mestres mais famosos espalhados pelo Império.

O empreendimento intelectual promovido pelos Abássidas também se manifestou através de uma práxis antiga e a princípio muito importante do Corão, a consulta ou a prática do aconselhamento. Foi possível notar que muitas das obras acerca desta temática foram produzidas ao longo da Idade Média no Oriente e são dotadas de sabedoria e erudição baseadas nas tradições e narrativas presentes no Corão. Estes textos traziam conselhos a respeito da administração, política, e do trato com os súditos sendo efetivamente valorizadas no governo Abássida.

A prática do aconselhamento ao soberano tornou-se recorrente na literatura árabe, contudo, justificado não somente pelo Alcorão. Inúmeras obras podem ser associadas ao empreendimento intelectual que o Império Abássida, através da Casa da Sabedoria, procurou desenvolver. Muitas destas justificavam a prática do aconselhamento como obrigação do sábio e direito do soberano. Como exemplo encontra-se o trecho da obra "*O aconselhamento dos reis*":

"Os reis são, dentre os homens, os que detêm a primazia no recebimento de aconselhamentos e exortações, pois, em sua boa situação está a boa condição dos súditos, e em sua corrupção está a corrupção dos humanos; [...]; e se dizia: Trai a si próprio quem esconde do soberanos o seu aconselhamento, dos médicos a sua doença, e dos amigos os motivos do seu pesar; [...] no aconselhamento do soberano está o aconselhamento do público, e no aconselhamento do público está o encaminhamento ao interesse do mundo inteiro, e a ordem das coisas do todo está em sua totalidade [...]" (ANÔNIMO, 2009 p.135)

A partir deste trecho, fica clara a tentativa de incorporar a prática do aconselhamento à obrigação dos homens em auxiliar o soberano com seu governo, revelando também que esta prática deve trazer benefícios ao reino, excluindo-se as pretensões pessoais e individuais. Esta justificativa torna-se constante nas obras voltadas para a arte do bem governar produzidas como forma de obter agrado da autoridade, valendo-se como um instrumento de adulação nas cortes ao longo dos tempos.

Deste modo, as produções voltadas para a arte do bem governar no Oriente desempenharam um importante papel durante o Califado Abássida, principalmente sob o comando dos primeiros califas, quando associadas ao projeto político de valorização do conhecimento. Como ponto de referência deste projeto está à Casa da Sabedoria, que proporcionou um encontro entre os saberes de diversas etnias que compunham o novo território e possibilitou, através da erudição, a ascensão social de grupos que na dinastia Omíada encontravam-se marginalizados. Esta perspectiva auxiliou a integração destes grupos

à comunidade e estimulou a produção de obras voltadas para o trato do governo e dos governantes.

Em razão também da necessidade de fortalecer e legitimar a autoridade Abássida perante as forças antagônicas, as obras e a prática do aconselhamento funcionaram como um mecanismo de orientação para os soberanos, que buscavam administrar o mosaico cultural e étnico que compreendia as linhas fronteiriças do Império. As diversas composições ofertavam um leque de conhecimento não só sobre a arte de governar, bem como acerca das tradições, histórias e costumes das diversas etnias.

CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA DE ACONSELHAMENTO ÁRABE E A OBRA *KALILA E DIMNA*

As obras de aconselhamento no mundo Árabe medieval operam na fronteira discursiva das produções que a crítica moderna ocidental convencionou por chamar de “*espelhos de príncipe*”. Entretanto, apesar das semelhanças com o Ocidente as produções árabes apresentam características particulares a que convém salientar.

Os textos aconselhadores no Oriente foram, em sua maioria, feitos por encomenda de alguma autoridade ou a ele dedicados. Sua estrutura é baseada em uma “voz” que aconselha sobre questões relevantes ao exercício do poder e seu discurso se efetua com preceitos e proposições gerais. Com argumentos em tom perceptivo, seguido por narrativas exemplares, seus autores fortalecem seus conselhos utilizando-se de convincentes argumentos como a conduta de outros reis, do mesmo modo que se vinculam as recomendações dos estudos de retórica árabe.

Nas obras produzidas no formato narrativo, a estrutura base é pautada em uma história principal, que apresenta o cenário e os personagens protagonistas, sendo esta o fio condutor do início ao fim. Os personagens argumentam entre si com formulações de caráter universal, recorrendo algumas vezes a provérbios para exemplificar ou como forma de fortalecer seus pressupostos. Este método de exposição tem como objetivo tornar a leitura agradável e fluente sem, contudo, perder a sapiência e os valores empregados na obra.

Apesar do uso dos recursos narrativos e, muitas das vezes, da presença marcante das fábulas e histórias advindas da oralidade, as obras possuem uma estrutura que deixam claro os seus objetivos. Os textos evocam conteúdos e discussões políticas e ideológicas que

estavam presentes no cenário atribuído à época das produções, além de levantarem questões acerca das tradições culturais, bem como o uso a razão e, por vezes, da historiografia árabe. Assim, não podemos desassociá-las da noção de manual, que apresenta normas e práticas a serem seguidas, pelo governante ou por sua corte

“pretende ensinar ao poderoso as tradições do exercício do poder, e as políticas que criam tradições de poder e governo, facilitando ao líder a condução das questões ligadas ao poder, bem como a sua preservação em suas próprias mãos pelo maior tempo possível” (ANÔNIMO, 2009, p. 235)

Desta maneira, é possível identificar que as obras literárias de aconselhamento no mundo Árabe apresentam diversas faces. Uma delas é trazer à tona os desdobramentos da sociedade árabe e conseqüentemente afirmar ou contestar a posição do governo em vigor.

Contudo, há também as características que aparecem repetidamente e tornam-se traços inerentes à escrita desta temática no Oriente. Estas obras, em sua maioria, apóiam-se na língua figurada e imagética, sendo esta uma das características marcantes e inerente a Idade Média. O homem medieval quer seja ocidental ou oriental, também se comunica e transmite os saberes através da imagem, que exerce uma função importante na composição e materialização dos códigos deste período.

Assim, para o mundo Árabe, as narrativas ganham forma e fisionomia através de personagens “históricos” e seus atos exemplares, com o intuito de nortear as escolhas. Nas obras de aconselhamento estes personagens são colocados em situações semelhantes à realidade com o objetivo de desviar seus aconselhados das possíveis catástrofes pessoais e políticas.

A obra *Kalila e Dimna* opera nesta fronteira. Seu plano de fundo para a composição do texto e objetivos são exposto na apresentação da obra através de uma história que remota ao tempo dos Brâmanes e a Índia. Neste momento, aparecem cobertas sobre o manto do “ouvir dizer que aconteceu assim”, questões que faziam parte do cenário político dos primeiros anos do Califado Abássida como a legitimação do poder, a tentativa de sua consolidação, a participação constante do conhecimento dos eruditos e suas posições perante a corte e ao soberano.

A trama desenvolve-se a partir da intervenção do filósofo hindu Bayabā, chefe dos Brâmanes, que articula uma estratégia para se aproximar do governante, a fim de desferindo-lhe conselhos, na tentativa de tornar seu reinado justo e moderado. Ao longo da narrativa é possível reconhecer os objetivos pedagógicos fixados pelo autor-tradutor Ibn

Almuqaffa ao longo do texto. Este artifício pode ser visto como uma forma de justificar a necessidade, tanto da obra quanto do autor, de estar presente no projeto político intelectual promovido pelos soberanos Abássidas. Todavia, divergindo dos rígidos modelos da literatura pedagógica ocidental que só atendem a demanda cortesã ou régia³, o texto de *Kalila e Dimna* possui duas faces que atendem a duas perspectivas diferentes.

“Em sua face manifesta, seja sobre a arte de governar o povo na obediência aos reis; em sua face oculta, seja sobre o caráter dos reis e como conduzir os súditos, pois me falecem e aos outros muitos fundamentos de que necessitamos para zelar pelo reino” (ANÔNIMO, 2009, p.435).

Como traçado habitual aos livros de sabedoria no mundo Árabe medieval, os textos são compostos por duas faces, uma oculta na qual se expõe o conteúdo dedicado aos leitores nos parâmetros impostos supracitados e uma face manifesta, dedicada ao público geral, ao vulgo.

A face manifesta foi estrategicamente desenvolvida e dirigida aos súditos populares, que eram em sua maioria alfabetizados devido às exigências da vida religiosa muçulmana. De acordo com o filósofo, esta face abordaria questões como a incitação e o adestramento à obediência aos reis. Desta forma, a obra foi composta por narrativas e subnarrativas recheadas de humor e diálogos entre quadrúpedes e aves nas quais o narrador transmite suas mensagens de obediência e adestramento do povo de forma sutil, buscando o entretenimento do vulgo, mascarando os conteúdos destinados aos soberanos.

Já a face oculta da obra, destinada somente aos soberanos, mostrar-se-ia um livro eloqüente, no qual demonstraria toda a inteligência e abordaria as questões acerca do comportamento dos reis e fundamentos essenciais para o bem conduzir de seus súditos. O autor descreve ao longo dos capítulos as virtudes que os governantes devem primar como a magnanimidade, a seriedade e a sapiência.

Fundamentando-se na análise da obra *Kalila e Dimna* é possível constatar duas particularidades importantes que inserem esta produção no panorama das obras de aconselhamento do mundo Árabe e no projeto político dos Abássidas. A primeira é a tentativa de exportar esta produção para além dos muros do palácio, pois, em sua face manifesta são

³ “textos difíceis, algumas vezes truncados, e de conteúdo árido, moralista, pouco atrativo aos olhares e sensibilidades” Segundo Márcio Muniz este tipo de literatura, sendo explícito pelo nome, atende somente as questões relativas a educação dos reis e príncipes. MUNIZ, R.C. Márcio O Leal conselheiro, de Dom Duarte, e a tradição dos Espelhos de príncipe. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, 2003.

expostas, claramente, características ligadas aos súditos, visando tanto o divertimento – humor – quanto uma incitação à obediência aos soberanos, contudo, somente aos soberanos que agirem de acordo com as regras do Islã. A segunda característica, que aparece ao longo dos exemplos expostos, se apresenta somente através da face oculta da obra. Seu objetivo é a formulação de um manual pedagógico no qual apresenta diversos procedimentos, reflexões e conhecimentos destinados aos soberanos.

A trajetória da Literatura de aconselhamento no Oriente Árabe é marcada não só por características gerais que permeiam este tipo de gênero, como também pelas influências históricas, culturais e políticas da região, bem como os objetivos e interesses que cercam cada produção.

Ligada ao campo do saber e da produção, a arte de governar aparece na Idade Média como um "ofício" que necessita de métodos e normas a serem seguidas, assim como manuais e mestres, que florescem nas cortes e cidades a fim de auxiliar o governante nas tarefas de legitimar ou manter seu poder, além de conduzi-los nas decisões acerca do trato com os súditos. Contudo, foi possível perceber que as obras associadas a esta temporalidade não representavam um caráter inovador, pois, desde a Antiguidade oriental e ocidental, já se testemunhava alguns escritos acerca da arte de governar como em obras de Aristóteles ou mesmo em textos sânscritos hindu.

Apesar da temática de aconselhamento ser um gênero recorrente, as obras árabes, principalmente as que se associam ao período do Califado, possuem características que as tornam singulares e expressivas para o campo dos estudos orientais, além dos traços gerais que elas apresentam.

Através de uma política de valorização do saber e da concretização desta por meio de uma instituição, a Casa da Sabedoria, o Califado Abássida e seus primeiros governantes conjugaram conhecimentos e uma mão de obra especializada na produção intelectual. Este conjunto proporcionou ao Império Árabe um numeroso volume de obras voltadas para as mais diversas áreas do saber, incluindo-se astronomia, matemática, retórica, história e eruditos versados na prática do aconselhamento. Com um centro intelectual opulento, não era incomum a quantidade de obras produzidas e especializadas na arte de governar.

Neste intenso movimento literato algumas obras ganham maior destaque, como é o caso de *Kalila e Dimna*. Associada ao contexto de legitimação de uma nova dinastia, os Abássidas, a obra destaca-se pelo caráter ornamental, mas também expressivo acerca dos

conselhos transmitidos pelas vozes de animais. O toque de humor e o uso de narrativas e fábulas não obstruem o conteúdo pedagógico a ser transmitido. Seus conselhos apresentam métodos e normas que um governante deve seguir, assim como as virtudes que deve cultivar, tendo como base as tradições, bem como as ideologias políticas e religiosas da época. Esta obra encaixa-se na temática da literatura de aconselhamento ou *espelho de príncipe* pelo caráter parenético e pedagógico, mas destaque-se pela ornamentação e riqueza de suas narrativas e fábulas que apresentam o objetivo central, aconselhar ao soberano, de uma forma mais prazerosa e agradável, tanto para o homem medieval, quanto para seus contemporâneos.

Nesta perspectiva, as fontes literárias vêm abrindo novos caminhos para os estudos do Oriente e da temática árabe medieval, principalmente no Brasil. Os meados do século XX apresentam uma demanda significativa de pesquisas e centros acadêmicos espalhados pelo país. Com o advento das novas tecnologias, sobretudo da internet, estes centros que estão cada vez mais ampliando as buscas por novas fontes e diversificando as pesquisas através da ampliação das temáticas vinculadas ao Oriente.

A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DESTE TIPO NO BRASIL

Os estudos acerca da temática literatura de aconselhamento e de obras como *Kalila e Dimna* representam o surgimento de uma nova demanda sobre os estudos de História do Mundo Árabe, principalmente no Brasil. Porém, não é de agora que estas produções permeiam o cenário acadêmico, mas ainda sim enfrentam muito desafios.

A percepção de uma nova demanda ligada a temática oriental teve início na década 50 com a busca por obras, principalmente, do gênero narrativo. Segundo Miguel Attie Filho esta é uma tendência do mercado editorial, não só o brasileiro. A partir da década de 1950, houve um aumento na busca e procura por textos de origem árabe, persa, indiana, e também uma abertura para a pesquisa⁴.

A principal referência para os estudos gerais do Oriente islâmico é o pesquisador Albert Hourani, que na década de 90, lança sua obra intitulada “*Uma história dos povos árabes*”. Este estudo é uma obra de síntese, que examina o mundo árabe desde a sua criação até a contemporaneidade. Embora este trabalho cubra um período bastante extenso e, é

⁴ Entrevista com Miguel Attie Filho. <http://www.icarabe.org/entrevistas/o-livro-da-alma-de-avicena-recebe-a-primeira-traducao-direta>. Acessado em 22/09/2011

evidente que algumas temáticas são deixadas de lado em detrimento de outro, tal obra aparece como um dos estudos mais significativos para a trajetória de estudos do mundo árabe⁵.

Contudo, o trabalho de Hourani foi fruto de pesquisas que já circulava pelos meios acadêmicos na Europa como os estudos de A.S.Ayad, que na década de 60 trazia contribuições, principalmente, sobre a história política e a construção da religião islâmica. Já no início da década seguinte, os estudos sobre o mundo árabe lançam olhares específicos para o período medieval, surgindo pesquisas como a de Juan Vernet, que aborda o desenrolar da literatura árabe, desde a poesia até a prosa. Também nos anos 70, temos as obras de Mário Curtis Giordani e Robert Mantran que apresentam, aos moldes enciclopedistas, produções que contemplaram a história da civilização árabe medieval vista em seus principais aspectos amplos como políticos, institucionais, sociais, econômicos, jurídicos, literários, filosóficos e, sobretudo, religiosos.

Entre diversos estudos que surgiram em fins do século XX, as obras do acadêmico britânico e o professor emérito Cleveland E. Dodge de Estudos do Próximo Oriente na Universidade de Princeton Bernard Lewis foram uma das mais significativas. Suas produções levantaram questões primordiais para as análises posteriores como as discussões acerca do uso da palavra árabe para designar uma nação ou mesmo nacionalidade, em seu sentido legal⁶ ou o uso da língua como um recurso de identidade árabe⁷.

Uma contribuição recente para os estudos do mundo árabe é a pesquisa de Beatriz Bíssio. Sua tese prioriza a percepção espacial do mundo árabe, trazendo as perspectivas da cidade islâmica retratadas nas fontes de Ibn Khaldun e Ibn Batuta. Com isso, seu trabalho nos ajuda a compreender a concreta ligação entre o religioso e o político no medievo árabe e também a posição do governante nos primeiros anos do Califado Abássida quando o governante era também o إمام⁸.

⁵ Esta obra se baseia em pesquisas de grandes centros de estudos como os da Universidade Cambridge e Oxford.

⁶ Um indivíduo que é identificado oficialmente como árabe pode ser oriundo de vários Estados como os do norte da África, ou mesmo dos Emirados Árabes, como também do Iraque, Irã, da Síria, da Jordânia, do Sudão, da Tunísia e vários outros Estados de identificação árabe. Contudo, em pleno século XXI ainda não temos um Estado propriamente Árabe.

⁷ Convém ressaltar que muitos filólogos apresentam a língua como um fator de unificação para esse grupo de indivíduos. À primeira vista, como afirma Lewis, esta solução é satisfatória; contudo, o recurso lingüístico não abrange a arabidade de judeus e cristãos.

⁸ Imã, líder religioso.

Outra produção importante que reforça a demanda dos estudos árabes é a obra “*O Islã Clássico*”. Organizado por Rosalie Helena de Souza Pereira⁹, o livro possui a proposta de dedicar a uma gama de variedades de temáticas, selecionando alguns tópicos muito bem elaborados, indicando algumas trajetórias do pensamento relativo ao período formativo do Islã, apresentando assim, as pesquisas mais recentes em diversas categorias de trabalhos acadêmicos. Ele se divide em seis partes que auxilia no preenchimento de algumas lacunas na compreensão da civilização árabe.

A primeira parte apresenta dois ensaios, o primeiro sobre a língua árabe e o segundo sobre a poesia pré-islâmica. Estes dois trabalhos inserem-se num cenário ainda bastante conturbado do povo árabe, que ainda é pagão e tribal, mas que já traziam consigo uma longa história e importantes tradições.

Na segunda parte há uma tentativa de recuperar as grandes linhas do elemento fundador do Islã, focalizando na elaboração, no conteúdo e no estatuto do principal pólo referencial da religião islâmica, o *Corão*. São apresentados dois ensaios em que são analisadas as divisões nascidas no interior do Islã, a posição dos teólogos racionalistas e a defesa do Islã sunita.

Com a terceira parte, os dois ensaios apresentam temas muito pouco conhecidos pelos ocidentais, o Direito islâmico (*fiqh*) e a política. Como afirma Ibn Ḥaldūn, “*fiqh é o ato de extrair das raízes e das fontes as normas prescritas pela Lei revelada (Šarīʿa) para que, em suas ações, o muçulmano cumpra suas obrigações jurídico-religiosa*” (PEREIRA, 2007, p.81). Apresenta a íntima conexão entre a religião e a política, características da história islâmica, sendo esta de difícil compreensão entre os ocidentais, acostumados a fazer uma absoluta separação entre esses dois domínios. Neste sentido, estes ensaios pontuam esta conexão.

A quarta parte é dedicada aos filósofos de cunho helenizante e consagra em suas páginas os dois maiores expoentes que floresceram no Oriente, Al- Fārābī e Ibn Sīnā (Avicena), e aos dois principais de Al-Andalus, Ibn Bājjah (Avempace) e Ibn Rušd (Averróis). Trazendo considerações acerca da filosofia helênica escrita em árabe.

A quinta parte se debruça sobre o vícios filosófico-místico elaborado no Oriente e no Ocidente, mostrando a tradição mística no contexto islâmico e a sua dimensão esotérica.

⁹ Mestre em História da Filosofia pela USP-FFLCH, com tese de doutoramento na UNICAMP-IFCH sobre o pensamento político de Averróis. Seu campo de pesquisa está relacionado à filosofia pré-islâmica árabe.

Na sexta e última parte, o livro faz uma análise da presença do Islã no judaísmo e no cristianismo imerso nas obras em circulação no mundo medieval.

Além dos trabalhos supracitados convém mencionar as contribuições dos diversos centros de estudos orientais como *CEAr – Centro de Estudos Árabes* que tem como objetivo a organização de eventos e, sobretudo, a publicação de obras referentes à Cultura Árabe em geral, com destaque para o intercâmbio Oriente/Ocidente. Este laboratório possui conexão com o Departamento de Estudios Árabes e Islámicos de la Universidad Autónoma de Madrid e, juntos, publicam através da revista *MIRANDUN* estudos acerca da literatura, filosofia, filologia e história.

O intuito desta parcela da pesquisa é apresentar um breve levantamento bibliográfico, mostrando assim os principais autores que trabalham e contribuem para importantes estudos sobre a temática do mundo Árabe medieval, proposta por esta pesquisa.

Inclui-se nesta demanda as traduções de manuscritos, feitas diretamente do árabe para o português, como o das *Mil e uma Noites*, além das obras *Kalila e Dimna*, *Livro do Tigre e do Raposo* e *O leão e o chacal Mergulhado*, como também de muitas outras que se encontram em circulação no mercado editorial. Além das múltiplas edições traduzidas para o português que encontramos de forma acessível, nos dias de hoje.

Devemos reconhecer que se fizéssemos uma comparação, com outros trabalhos que evidenciam as questões do mundo medieval no Ocidente, a demanda é infinitamente maior, no tocante a fontes e abordagens historiografia. Contudo, não podemos negligenciar o crescimento das pesquisas acadêmicas, dos centros de estudos supracitados e da crescente demanda de obras traduzidas e publicadas para a língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anônimo. **Livro do Tigre e do Raposo**. Tradução: Mamede Mustafá Jarouche. São Paulo: Amaral Gurgel Editorial, 2010.

ANÔNIMO. **O Leão e o chacal Mergulhador** / traduzido do árabe por Mamede Mustafá Jarouche. – São Paulo: Globo, 2009.

AYAD, A.S. **A Civilização árabe**. Bahia: Fundação Gonçalo Moniz, 1965.

GIORDANI, Mário Curtis. **História do mundo árabe medieval**. Petrópolis, Vozes, 1976.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Ibn al-Muqaffa. **Kalila e Dimna**. Tradução, organização, introdução e notas: Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Ibn Sina. **O livro da alma**. Tradução de Miguel Attie Filho. São Paulo: Globo, 2011

LEWIS, Bernard. **O Oriente Médio: do advento do cristianismo aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

Livro das mil e uma noites. Introdução, notas apêndice e tradução de Mamede Mustafá Jarouche. São Paulo: Globo, 2006.

LYONS, Jonathan. **A Casa da Sabedoria: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental**. Tradução: Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011

MANTRAN, Robert. **Expansão muçulmana: séculos VII-XII**/ Robert Mantran; tradução de Trude Von Laschan Solstein, São Paulo: Pioneira, 1977.

MUNIZ, R.C. **Márcio O Leal conselheiro, de Dom Duarte, e a tradição dos Espelhos de príncipe**. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, 2003.

PEREIRA, Rosalie Helena de Souza. **O Islã clássico: itinerários de uma cultura**. Org.:Rosalie Helena de Souza Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

VERNET, Juan. **Literatura árabe** / Juan Vernet [3.ed.] Barcelona : Labor, 1972.

Artigo recebido em abril de 2016. Aprovado em junho de 2016.